MEME DE MACHO: HUMOR MASCULISTA, ESTEREÓTIPO E CENOGRAFIA

Luiz Felipe Andrade
Mestrando em Letras (UERJ)
monitoria.ling@gmail.com

RESUMO

O masculismo é um "movimento" de reflexão acerca dos padrões comportamentais do homem ocidental, entrando em relação polêmica com diversas formações discursivas. Dentre essas, aquela que visa ao combate aos movimentos minoritários (gay e feminino) e à manutenção do *status* privilegiado do homem usa proficuamente o *meme* como modo de difusão de seus enunciados. As características desse tipo de texto e o modo como promove estereótipos, a partir do uso da cenografia, são fundamentais para a compreensão do modo como se dá sua relação no interdiscurso.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade, *Meme*, Humor, Estereótipo, Cenografia.

ABSTRACT

The masculism is a "movement" towards a reflection on Western man behavioral patterns, which causes for controversy with various discursive formations. Among those, the one which aims at fighting against minority movements (gay and female) and at maintaining the privileged status of man prolifically uses meme as a way of disseminating its utterances. The characteristics of this type of text and the way it promotes stereotypes, on the basis of the use made of a characteristic scenography, are crucial for the understanding of the way it relates to the interdiscourse.

KEYWORDS: Masculinity, Meme, Humor, Stereotype, Scenography.

INTRODUÇÃO

"Emasculação": esse é o diagnóstico dado por Ruitenbeek (1969) para explicar as modificações por que passava o homem americano, em meados da década de 1960, com a saída das mulheres para o mercado de trabalho, a reorganização da família tradicional e a revolução sexual. De lá até hoje, não se deixa de falar no processo de reconstrução da masculinidade no mundo ocidental: homens que vão para a cozinha, que cuidam das crianças, homens que arrumam a casa enquanto suas mulheres trabalham, homens preocupados com o prazer de sua parceira sexual, homens mais vaidosos – vistos seja com certo espanto, seja com grata satisfação[i].

Para a Análise do Discurso de linha francesa (AD), as mudanças comportamentais de determinado grupo social implicam, concomitantemente, mudanças no plano discursivo. Testemunha-se, assim, a constituição do discurso do "novo homem" (assim ele é tantas vezes chamado pela imprensa), no interior do campo discursivo. Constituição essa que se dá de forma polêmica e dinâmica, a partir do conflito com outros discursos reguladores da sexualidade e dos padrões de gênero. Ao lado do discurso do "novo homem", há um novo discurso do homem que se posiciona contrariamente ao primeiro e a todas essas transformações: ambos ligados ao masculismo, "movimento ainda incipiente, [que] caminha no sentido de repensar os estereótipos vigentes e de construir novos modos de estar no mundo, para além das demandas e cobranças impostas historicamente aos homens" (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006, p.60).

O objeto desse estudo são textos do segundo tipo, que se opõem às transformações suscitadas desde a revolução sexual e a emergência dos movimentos feminista e *gay* – discurso que chamarei arbitrariamente de discurso masculista, em oposição ao discurso do "novo homem". Observarei de que modo são construídas as representações de gênero, em um *meme* veiculado na rede social *facebook*, a partir das noções de estereótipo e cenografia.

Em um primeiro momento, se trata das relações interdiscursivas que conformam esse discurso, articulando as noções da AD com a filosofia de Deleuze e Guattari (1995). Em um segundo momento se delineiam as características do *meme*, em relação à noção de *mídium* e gênero; em seguida, se reflete acerca da relação entre estereótipo, preconceito e humor, para, por fim, proceder a uma análise de um enunciado selecionado, a partir do conceito de cenografia.

GÊNESE DO DISCURSO MASCULISTA

Um sistema rizomático é uma dispersão, uma superfície cartográfica cujos pontos são interconectados por uma rede de linhas de estratificação ou de desterritorialização, constituindo agenciamentos que relacionam cadeias de signos a regimes de corpos. A concepção de interdiscurso, considerada a partir da lógica do rizoma, propicia que o tomemos não como mero repositório de formações discursivas em concorrência, mas como um espaço complexo atravessado por linhas de força, dinâmico e múltiplo. Compreendem-se, consequentemente, as formações discursivas (FDs) não como entidades dotadas de uma essência que lhes seria característica; pelo contrário, a identidade de uma FD seria um efeito de sentido produzido pela relação entre uma multiplicidade de linhas que jamais se configuram sob a forma de um Uno formado e fechado em sua interioridade.

A FD masculista, portanto, se constitui a partir de um jogo de diferenças e relações com outras FDs que entram em relação abertamente polêmica no que diz respeito ao modo pelo qual os padrões de comportamento (linguísticos ou não) atribuídos a certo sexo/gênero devem ser organizados, e normatizados. A partir de um modo de reflexão geográfica, que procura observar o fenômeno a partir das linhas de força, e não a partir de um lógica histórico-teleológica, que privilegiaria a causalidade e a organização temporal, observamos os sedimentos sobre os quais se constituem esse discurso, em diálogo com outros.

Deleuze e Guattari (2012, p.232) definem estrato como um espessamento, uma sedimentação de elementos heterogêneos que constituem uma zona espessa no mapa, em que se articulam determinados regimes de signos e de corpos, tal qual uma prática discursiva. Isto equivale a dizer que o imbricamento constitutivo de práticas de linguagem e modos de estruturação institucional que se caracterizam, em dada prática discursiva, por obedecerem a um mesmo sistema de restrições semânticas (MAINGUENEAU, 2008) funcionam como um estrato. Ali dá-se a territorialização, uma vez que o estrato é atravessado por linhas de segmentaridade que conformam um espaço razoavelmente delimitado. Assim, por exemplo, o patriarcalismo – modo de organização das relações de gênero que se vem fazendo hegemônico nas sociedades ocidentais – pode ser considerada uma prática discursiva, e um estrato, fortalecido e fortalecedor de textos considerados “machistas” ou “conservadores” ou...

No entanto, é também ali que se operam “transformações interdiscursivas globais” que possibilitam uma desterritorialização. Para a AD, a partir do momento em que um discurso primeiro se sente ameaçado em seus fundamentos, dá-se a possibilidade de constituição de discursos outros, a partir das grades semânticas por ele instituídas. Ou seja, o discurso Outro

vale-se dos interditos do discurso a partir do qual se constitui, já sob a forma de uma relação polêmica. A desterritorialização, como movimento de abandono do território, operada por linhas de fuga, se vê, no entanto, bloqueada por um movimento de reterritorialização que é sua contraparte. A fuga de um território se compensa pelo "aprisionamento" em um outro.

Os discursos "gays" e "feministas" se relacionam, assim, ao território a partir do qual se desenvolveram (o patriarcalista), mas sua potência se estabiliza no próprio ato de sua constituição organizada. Não à toa, Guattari (2011, p.62) observa que esses processos se organizam como formas de singularização, modos de produção de subjetividade resistentes à individuação em massa operada de acordo como os moldes capitalísticos, ao mesmo tempo em que se fecham em um gueto, institucionalizando-se.

Ao mesmo tempo, porém, o surgimento de novas práticas discursivas não acarreta no fim da formação discursiva pré-existente, contra a qual estas entraram em conflito. E a prática discursiva precedente responde a esses, reestruturando-se. No plano interdiscursivo rizomático, assim como na física e na fisiologia, não há ação que não desencadeie uma reação. Aliás, segundo Negri e Hardt (*apud* SAMPAIO, 2006, p.58), o poder sempre se reconforma, se amplia, se torna mais eficaz, a partir do momento em que se vê fragilizado pela resistência de grupos. De um modo geral, o poder se move a partir de uma lógica reativa, a partir de demandas e estímulos que se lhe opõem, mantendo-se portanto em um constante estado de luta. Daí, surgirem, também, a partir das décadas de 60-70, movimentos que se organizam sob a forma de "movimentos minoritários" e que defendem a supremacia do homem heterossexual, opondo-se ao machismo.

De acordo com a FD masculista, o machismo não seria menos que uma forma de controle feminina que opera de modo ilusório, dando ao homem a falsa ideia de que ele está no comando, quando na verdade se submete ao poderio das mulheres (e, hoje, também aos privilégios dados aos homossexuais).

Aqui, analisamos textos de cunho humorístico ligados a essa comunidade discursiva, que são veiculados através do *facebook*. Afinal, é na internet que esses textos encontram um meio eficiente para sua difusão. A rede lhes possibilita uma livre circulação, ainda que sejam constantes as iniciativas para que sejam retirados do ar, em virtude de seu conteúdo misógino e homofóbico, muitas vezes apologético em relação à violência contra esses grupos. Blogs masculistas são constantemente desativados, mas seus textos mantêm-se ativos na "nuvem" e são repostados em outro endereço eletrônico.

MEME: GÊNERO DO DISCURSO?

Os textos de que falamos podem ser classificados como *memes*, isto é, como "uma ideia, comportamento ou estilo que passa de pessoa para pessoa, dentro de uma cultura. Geralmente [o termo] designa um conteúdo, muitas vezes humorístico, que é replicado e alterado pelas pessoas que o espalham" (PEREIRA; NICOLAU; BEZERRA, 2013, p.189-90).

Esse termo foi criado, inicialmente, pelo etólogo e biólogo evolutivo Richard Dawkins, em seu livro *O gene egoísta*, de 1976, que defende uma explicação da evolução das espécies a partir do gene, e não do organismo ou da espécie. De acordo com essa hipótese, o "meme" seria "uma unidade de transmissão cultural" (DAWKINS, 2007, p.124), assim como o gene é um replicador biológico.

> Exemplos dos *memes* são melodias, ideias, slogans, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no "fundo" de genes, pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os *memes* propagam-se no "fundo" de *memes*, pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação (DAWKINS, 2007, p.125).

Ora, o mesmo acontece com o *meme* da internet: trata-se de textos verbo-visuais que são replicados, transformados e re-replicados continuamente, circulando de forma livre e "virótica" em ambientes virtuais, principalmente nas redes sociais, como o *facebook*.

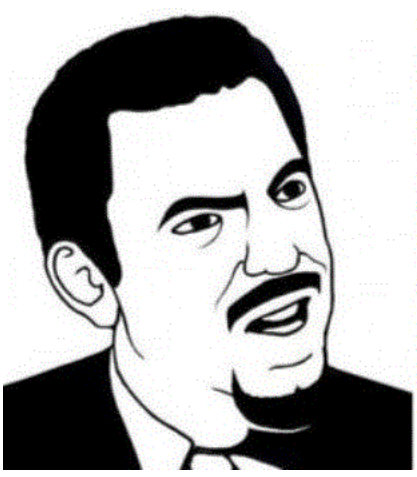
Alguns teóricos consultados para a elaboração deste trabalho tratam o *meme* como um gênero discursivo característico da internet. A definição até agora dada não nos autoriza a assim considerá-lo. Tratar-se-ia mais de um modo de difusão característico de determinados textos, de cunho mais geral, na internet, do que propriamente um gênero. Uma breve consulta ao site *Memebase*, uma espécie de repositório de *memes*, nos mostra que eles apresentam grande variação dos aspectos caracterizadores de um gênero (BAKHTIN, 2010, p.262): o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Há *memes* que combinam uma foto a um enunciado verbal, outros que apresentam uma série de fotos tomadas em sequência ou em oposição comparativa e *memes* que obedecem a estrutura dos quadrinhos, geralmente usando desenhos bastante rudimentares, que se repetem; mas há ainda *memes* em forma de vídeo. O único traço formal que os une é o fato de serem sempre formados pela combinação de uma ou mais imagens, em movimento ou não, com um ou mais enunciados.

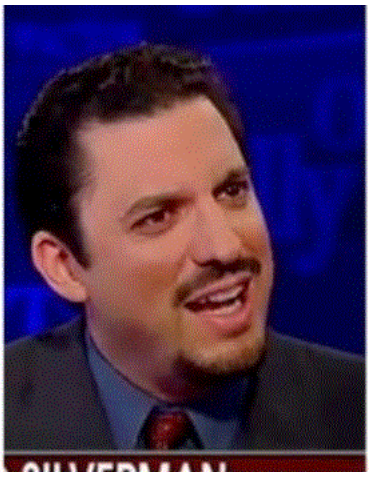
De fato, parece-nos (e isso demandaria um estudo mais aprofundado da questão) um modo de circulação característico de gêneros diversos que compartilham o mesmo *mídium*. De acordo com Maingueneau, "o *mídium* não é um simples 'meio', um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do *mídium* modifica o *conjunto*

de um gênero de discurso" (2013, p.81-2). Uma história em quadrinhos ou tirinha que circula nas páginas de uma revista ou jornal e uma outra que circula na internet se diferenciam, em virtude das coerções exercidas pelo seu *mídium*.

Dificilmente, os quadrinhos que analisamos mais adiante comporiam uma revista humorística, não necessariamente em virtude do seu conteúdo, mas principalmente pelo seu acabamento, diremos, estilístico e pela temática (ou o modo como é tratada). Além disso, o modo de circulação de um *meme* ou de um quadrinho numa revista são bastante diferentes. A começar pela questão da autoria, apontada anteriormente, como uma das causas principais de o discurso masculista ter, na internet, seu mais profícuo (senão único) meio de divulgação. Mas também em virtude do alcance que estes textos podem ter, espalhando-se, replicando-se, transformando-se, participando, nas redes sociais, da interação com seus usuários/leitores, que os comentam, "curtem", compartilham, ou mesmo bloqueiam.

Como *meme*, esses quadrinhos também replicam imagens usadas em larga escala. A essas imagens, como aos textos, se chama indistintamente *meme*. A maioria dessas foi retirada de outros textos, em situações completamente diversas, vindo a compor uma espécie de repertório imagético partilhado, cuja origem muitas vezes se perde. Um exemplo é o *meme* "WTF", baseado em uma imagem de David Silverman, presidente da organização dos ateus dos Estados Unidos, capturada em entrevista ao canal Fox News. De fato, a criação de novos *memes*, sejam eles quadrinhos ou fotos acompanhadas de algum enunciado, muitas vezes se faz a partir desse repertório partilhado pelos usuários das redes sociais.





Outra importante característica dos *memes*, seja qual for o seu formato, é o fato de geralmente possuírem um teor humorístico, independentemente do conteúdo veiculado. Isso é favorecido, certamente, pelo uso dessas imagens que funcionam seja como signos de fácil reconhecimento, seja como estereótipos – aspecto que iremos explorar a seguir.

HUMOR (CRÍTICO) MACHISTA

Costuma-se creditar ao humor uma posição crítica, um modo de intervenção que, tantas vezes, figuraria como oposto a determinado regime de corpos, deslocando sentidos e provocando o riso ou a reflexão acerca de questões controversas, com fins a uma redefinição das relações sociais, políticas, enfim. Trata-se de um lugar comum que Possenti, em seu livro *Os humores da língua*, desconstrói:

> A afirmação segundo a qual o humor critica é muito parcial. O humor nem sempre é progressista. O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. O humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso veiculador de preconceitos... (POSSENTI, 1998, p.49).

A FD que analisamos, porém, apresentam uma característica dúbia. Como Jano, têm duas faces: uma face crítica, que se pretende politicamente engajada, de resistência ao "ginocentrismo" e à "ditadura gay", que colocariam o homem heterossexual em um papel desprivilegiado na sociedade. E a outra face conservadora, reacionário, que reforça preconceitos e veicula estereótipos.

O deus romano Jano é guardião das entradas, senhor das transições; sua face dupla se volta, simultaneamente, ao passado e ao futuro. Da mesma forma, esses textos se situam em um momento de transição, testemunham (a favor dos masculistas) o processo de transformação nas relações de gênero em nossa sociedade, a partir das gradativas e parciais conquistas dos movimentos minoritários de gênero a partir da segunda metade do século passado.

De acordo com Nolasco (1993), essa crise da masculinidade que hoje presenciamos têm muitas origens (múltiplas gêneses). Ela é promovida a partir de uma série heterogênea de acontecimentos, pelo atravessamento de múltiplas linhas de fuga. A adoção, assim, de um marco é meramente arbitrária e caracteriza simplesmente uma perspectiva adotada para analisar o fenômeno. De qualquer forma, quaisquer que sejam essas origens (não estamos falando de causas), observa-se uma situação de tensão entre o estabelecido (territorializado) e o desviante, entre dada norma e uma resistência. E observamos que a esse movimento de desterritorialização atende uma reterritorialização, as linhas de fuga acompanhadas de linhas de estratificação. Para Deleuze, "devemos separar em todo dispositivo as linhas do passado

recente e as linhas do futuro próximo; a parte do arquivo e a parte do atual, a parte da história e a do devir" (2005, p.94).

Como falado anteriormente, *meme* designa, seja um modo de difusão de práticas culturais, seja um conjunto de textos que se replicam indefinidamente, sendo transformados, readaptados, cuja origem acaba se perdendo (veículo de transmissão de memória coletiva). Esse poder de difusão do *meme* deve-se ao fato de seus elementos perderem seu valor individualizado, específico, para adquirir um significado mais amplo – digamos, valor de estereótipo, assim como se deram com as duas imagens anteriormente mostradas. O *meme* "ui ui ui", por exemplo, é reconhecido independentemente de seu contexto original; a partir do momento em que começa a integrar uma série de textos, para expressar ironia diante de uma afirmação ou postura. Podemos fazer uma grossa comparação entre esses signos imagéticos e substantivos comuns criados a partir de substantivos próprios por derivação imprópria.

Aliás, muitos são os recursos linguístico-discursivos que possibilitam a generalização e a transmissão de casos específicos. Essa é a designação inicial da noção de estereótipo, na psicologia social americana: para Lippmann, de acordo com Gatti (2013, p.44), "o estereótipo desempenha uma função de mediador das relações do indivíduo com o real. É uma espécie de esquema que permite ao ser humano construir uma relação possível com a realidade". São, portanto, elementos fundamentais para a categorização e a partilha de sentidos comuns a uma determinada comunidade linguística ou discursiva. Pode-se dizer o mesmo da língua. Para Nietzsche,

> toda palavra torna-se de imediato um conceito à medida que não deve servir, a título de recordação, para a vivência primordial completamente singular e individualizada à qual deve seu surgimento, senão que, ao mesmo tempo, deve coadunar-se a inumeráveis casos, mais ou menos semelhantes, isto é, nunca iguais quando tomados à risca, a casos nitidamente desiguais, portanto. Todo conceito surge pela igualação do não-igual. (NIETZSCHE, 2008, p.34-5)

A constituição de um repertório imagético com significação parcialmente rígida nos permite, portanto, fazer essa associação entre o *meme* e, de um lado, o estereótipo, e de outro, o léxico de uma língua.

No entanto, geralmente quando se fala de estereótipo, fala-se de seu caráter preconceituoso. O psicólogo estadunidense, Gordon Allport, defende que não é o estereótipo que gera o preconceito, mas o justifica (Gatti, 2013, p.47). Todo conceito, na visão de Nietszche, porém, seria baseado em um preconceito, uma vez que parte da generalização do específico para o geral, da mesma maneira como o estereótipo. O valor negativo de um preconceito estaria, para nós, relacionado ao sistema de restrições semânticas de uma

determinada formação discursiva e não constitutivo, uma vez que o "pré-conceito" seria constitutivo de todo sistema sígnico.

É ponto pacífico o fato de a categorização de gênero ser uma construção social. Todavia, ainda se preserva a ideia de que haja uma base biológica comum para as distinções entre masculino e feminino, e comportamental (ou volitiva) para distinguir o heterossexual e o homossexual. Tal ideia cai por terra, por exemplo, se considerarmos que algumas línguas das civilizações antigas do Oriente Próximo não tinham substantivos para estas categorias (NAPHY, 2006).

O que diferencia a estereotipização da categorização, se aceitarmos a ideia de que ambos se baseiam na pré-conceituação, seria a atribuição de traços característicos não necessários a categorias consideradas necessárias e universais.

Assim, a estereotipização é uma clara manifestação desse humor reacionário, quando serve à reafirmação de preconceitos e de relações de poder instituídos. Trata-se de um recurso muito comum, tanto em programas humorísticos de televisão, do qual a *Escolinha do Professor Raimundo*, exibida entre 1990 e 1995 pela Rede Globo, era um "compêndio" no qual figuravam, entre outros, o gay afetado, o judeu avarento e mercenário, a mulher bonita e burra, o pobre bandido e malandro, quanto em livros de piadas, muitas vezes direcionados a um "tema" específico: *Piadas de sacanear gaúchos*, *Piadas de sogra*, *Piadas de loiras*...

De acordo com Amossy e Pierrot (2005), o estereótipo poderia ser considerado a manifestação do pré-construído, ou seja, a marca linguística de um discurso já-dito – aquilo que Foucault, paradoxalmente, chama de *já-dito*/*jamais-dito*: "um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro" (2010, p.28). Trata-se, no discurso, da marca da alteridade, da relação constitutiva de um discurso com seu Outro e com o Mesmo, os outros enunciados da formação discursiva a que ele se filia.

Observe-se, porém, que cada discurso elege/constrói seu próprios *a priori*, sua biblioteca, sua relação com outras formações discursivas, a concatenação dos enunciados, seu modo de legitimação, os estereótipos que veicula, reforça e (re)apresenta. Da mesma forma como cada enunciado constrói sua cena de enunciação. A partir da noção de cenografia, observamos o modo como os estereótipos de gênero são materializados nos enunciados do discurso masculista, veiculados no *facebook*, seguindo o modo de difusão dos *memes* e reatualizando o gênero quadrinho.

CENOGRAFIA E ESTEREÓTIPO

Para Maingueneau (2013, p.61), o discurso é contextualizado, mas não no sentido de um produto inerte de condições empíricas de produção em que se dá sua enunciação, mas também como produto da encenação da fala, contribuindo para definir e modificando seu contexto no curso da enunciação. A cena de enunciação pode ser assim analisada a partir de três vieses: a *cena englobante*, correspondente ao tipo de discurso, que define o estatuto pragmático do texto; a *cena genérica*, definida pelo gênero discursivo, o que implica no papel representado pelos coenunciadores, as circunstâncias em que se dá a enunciação, o suporte, o *mídium* etc. (elementos que já observamos ao tratar do *meme*); e, finalmente, a *cenografia* instituída pelo próprio discurso para legitimá-lo.

> Deve-se levar em conta essa situação de enunciação, a *cenografia* que a obra pressupõe e, em troca, valida. Ao mesmo tempo condição e produto, ao mesmo tempo "na" obra e "fora" dela, essa cenografia constitui um articulador privilegiado da obra e do mundo (MAINGUENEAU, 2001, p.121).

A cenografia desloca a cena genérica para um segundo plano, capturando o coenunciador (leitor) em uma espécie de armadilha, que é a cena de enunciação produzida. Para tanto, ela pode se utilizar de um cenário validado, isto é, "instalado no universo de saber e de valores do público" (MAINGUENEAU, 2001, p.126). Todavia, para apreendê-lo como tal é necessário que o consumidor do texto compartilhe das regras de formação dos enunciados de dada formação discursiva, isto é, depende de sua "competência discursiva". Como dito anteriormente, o valor negativo de um estereótipo é decorrente de uma "desfiliação", da "aptidão para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da ou das formação(ões) do espaço discursivo que constitui(em) seu Outro" e da "aptidão de interpretar (...) esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições" (MAINGUENEAU, 2008, p.55). Assim, o cenário validado para dada comunidade discursiva é estranho à outra.

Observe-se o *meme* veiculado pela *Central do Búfalo* no facebook e ali compartilhado por alguns sujeitos da comunidade discursiva masculista:

Inicialmente, pelo título, o quadrinho apresenta-se como um texto informativo ("Como o feminismo atua na sociedade") e, além disso, uma espécie de guia de orientação para se livrar das "artimanhas" do feminismo. Não são raros, aliás, os textos informativos que assumem o formato do gênero quadrinhos. No entanto, este também se configura como um texto humorístico crítico.

Como texto informativo e como texto humorístico, ele se baseia em estereótipos consolidados por algumas marcas formais – pictóricas e linguísticas, considerando-se o discurso como uma prática intersemiótica, cujos diversos textos, utilizando-se de semioses distintas, seguem o mesmo sistema de restrições semânticas (MAINGUENEAU, 2008). A cenografia, com seu cenário validado, auxilia na construção e (re)apresentação desses estereótipos.

A topografia é esvaziada, isto é, não particularizada (fundo branco), em toda metade esquerda do texto, que apresenta o "círculo vicioso" da atuação do feminismo na sociedade, destruindo relacionamentos. Este círculo é marcado pelas setas azuis que mostram o encadeamento da história – circular, ao contrário do que comumente são os quadrinhos (lidos com a mesma orientação dos textos escritos). Trata-se da situação "sem a real". Cumpre observar que a "real" é o modo como o discurso masculista se refere ao despertar das pessoas em relação à situação de ginocentrismo mascarado e ditadura gay em que está imersa a cultura ocidental, enfatizando a particular influência "perniciosa" do feminismo e do movimento gay.

Em relação à cronografia, as "rubricas" encontram-se no presente do indicativo, a que se atribui o sentido de verdade e universalidade. Apenas as falas da feminista traçam o encadeamento temporal da história: "vocês não seguiram nossas recomendações".

Desta forma, cronografia e topografia possibilitam certa generalidade para as situações evocadas, fortalecendo a estereotipização, tanto da personagem feminista quanto do casal. Estereotipização esta que atinge seu máximo a partir do modo como esses personagens são representados. Como vimos, os *memes* trabalham com figuras simplificadas que adquirem sentido rígido, desconectadas que são de seus contextos originais.

O casal é representado com traços básicos, digamos até toscos, nada muito diferente de um desenho infantil. E o amor entre homem e mulher, representado por um coração com rosto de outro *meme*, conhecido como "me gusta", que representa um sinal de satisfação proveniente da realização de prazeres considerados desvalorizados. A feminista, que aparece no segundo quadro, é apresentada com o *meme* sádico "eu menti" e, no último, como o *meme* "troll face" que representa aquele que estraga as coisas, cria discussões desnecessárias ou simplesmente aproveita-se da má vontade alheia. O esquemático dos significados que esses *memes* apresentam ajudam a reforçar a imagem estereotipada da feminista, que circula nessa formação discursiva. Estereótipo, como todo estereótipo, controverso, mas que compõe o conjunto de semas desta formação, ainda que, para outra, apenas explicite seu caráter preconceituoso, machista (ou masculista). A feminista ("alguém com más intenções") está articulada ainda a outros ícones: a foice e o martelo do comunismo – outro alvo das críticas masculistas –, o que fica evidente por ele estampar a carteira da personagem, e gatos – elemento constante em todas as representações de feministas, em outros enunciados da mesma comunidade.

Com a situação à direita, ocorre algo diverso: inicialmente, perde-se o tom professoral das rubricas no presente do indicativo. O casal, "com a real", rebela-se contra a feminista, que é representa com o *meme* "okay" (que indica decepção) e, no último quadrinho, é representada em um lugar específico – o único cenário representado no *meme*: um bar ou algo que se lhe assemelhe, em que ela termina por "beber suas mágoas", abandonada até mesmo pelos seus gatos. O humor provém do fato de a feminista, representada como uma pessoa perniciosa, referir-se aos gatos que a abandonam como machistas. Se no conjunto do quadrinho a feminista é uma espécie de síntese dos "males sociais", aqui ela mostra-se como alguém que "achata" a compreensão dos fatos, atribuindo aos gatos uma qualidade humana, mas que seria a origem de todos os males, na sua visão. Em outros enunciados masculistas, é

constante uma desvalorização do machismo, tomado como um conceito falso, criado pelas mulheres e gays para reforçarem seu poder, baseado no combate a uma quimera.

CONCLUSÃO

Como o deus Jano, portanto, esse *meme* (característico da FD masculista) aponta para uma resistência ao instituído – aponta para o futuro, ao mesmo tempo em que o faz pelo resgate a valores tradicionais da sociedade patriarcal. O estereótipo, caracterizado aqui como um elemento inerente ao modo de apreensão da realidade, é reforçado por dispositivos discursivos, para desvalorização do discurso Outro, utilizando fortemente das características dos *memes*, que merecem ainda uma maior atenção por parte dos estudos linguísticos.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth; PIERROT, Anne Herschberg. *Estereotipos y clichés*. Trad. Lelia Gándara. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. In: _____. *O mistério de Ariana*. Lisboa: Veja, 2005. p.83-96.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, v.1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, v.5. Trad. Peter Pál Pelbart; Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GATTI, Márcio Antonio. *A representação da criança no humor: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos*. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. Maria Cecília Souza-e-Silva; Décio Rocha. 6.ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MEMEBASE. Disponível em: http://memebase.cheezburger.com/ Acesso em: 03. Jun. 2014.

NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Trad. Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdade e mentira*. Trad. e org. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Ana Maria de Sousa; NICOLAU, Marcos; BEZERRA, Ed Porto. "Menos Luiza que está no Canadá": o meme potencializado pela midialização nas redes sociais e na televisão. In: MOTA, Inês Pereira et al.(orgs.). *Comunicação, mídia e culturas*. João Pessoa: Editora Ideia, 2013. p.180-201.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

RUITENBEEK, Hendrik M. *O mito da masculinidade: uma visão nova e surpreendentemente franca do homem norte-americano hoje*. Trad. Gilberto B. Oliveira. São Paulo: IBRASA, 1969.

SAMPAIO, Simone Sobral. *Foucault e a resistência*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

WANG, May-Lin; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. "Identidades masculinas: limites e possibilidades". *Psicologia em revista*. Belo Horizonte: PUC-Minas, v.12, n.19, 2006, p.54-65.

Como citar este artigo:

ANDRADE, Luiz Felipe. *Meme de macho: humor masculista, estereótipo e cenografia*. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 19, out – nov. 2014. pp 353-366. Disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num19/dossie/palimpsesto19dossie04.pdf. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507

[i] Tomem-se como exemplo dessa postura elogiosa a reportagem do site Deles: Mundo masculino, do portal IG, de 12 de setembro de 2013: "Saímos de uma posição definida. Ainda bem", diz psicólogo sobre 'novo homem'" (Kono, 2013) e o artigo de capa da edição de 27 de setembro de 2010 da revista americana Newsweek: "Man up! The traditional male is an endangered species. It's time to rethink masculinity".